

José Barreto

**EM FERNANDO
PESSOA**

Ensaística Pessoaana



“Sou daquelas almas que as mulheres dizem que amam, e nunca reconhecem quando encontram; daquelas que, se elas as reconhecessem, mesmo assim não as reconheceriam.”

Trecho do Livro do Desassossego, ca. 1918.

Coordenação da *Ensaística Pessoa*
JERÓNIMO PIZZARRO

Índice

Introdução	p. 9
As mulheres e o feminismo nos escritos de Fernando Pessoa	p. 35
As leituras	p. 97
Apêndices	p. 123

Introdução

1.

Num texto de 1913 ainda hoje muito pouco conhecido, que começa com a pergunta: “Porque é que as mulheres se detestam tanto umas às outras?”, aqui reproduzido na íntegra¹, Fernando Pessoa, com 25 anos, expõe, sob a forma de diálogo, uma teoria sobre as mulheres, sobre as suas relações com o homem e, nomeadamente, sobre as mulheres emancipadas e as feministas. É uma “teoria brutal”, como a qualifica a personagem (feminina?) desse diálogo que se limita a fazer perguntas e a tecer breves comentários. Desde a primeira linha, o género feminino é alvo de estereótipos, alguns ancestrais. As mulheres detestam-se todas umas às outras, como Nietzsche também afirmara e, antes dele, outros — porque, como sustenta aqui Pessoa, se conhecem muito bem, já que a consciência que cada mulher tem de si própria é “um estudo completo da psicologia feminina”. Max Nordau, que Pessoa leu, não teria dito melhor. Na raiz desta absoluta uniformidade de “todas as almas

Sinais utilizados na transcrição de textos:

/ variante

/ / palavra ou trecho dubitado pelo autor

□ espaço deixado em branco pelo autor

< > palavra(s) riscada(s) pelo autor

[↑] ou [↓] variante ou acréscimo na linha superior ou inferior

† palavra ilegível

* leitura conjecturada

BNP/E3 = Espólio de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal

¹ BNP/E3, 55-36 a 38. Vd. aqui *Apêndice 1. Publicado somente uma vez em António Pina Coelho, Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa (Lisboa: Verbo, 1971), vol. II, pp. 165-171.*

femininas” estaria, segundo Pessoa, o comum interesse das mulheres normais, o seu *único* interesse: o homem. Contrariamente ao homem, que se interessa por muitas e diversas coisas, a mulher normal só se interessa e só deveria interessar-se por uma coisa: captar o homem. Por natureza, a mulher seria um mero apêndice do homem:

O unico facto fundamental da vida das sociedades é este: o homem é a cellula social. A mulher é uma qualquer materia necessaria á vida d’essa cellula.²

As exceções, as mulheres que, por necessidade de ganhar a vida, se dedicam a uma profissão, são “anomalias”, são desvios do “caminho natural”, que é buscar o homem. A mulher que ganha a vida honradamente (e Pessoa relativiza o advérbio com aspas) seria, assim, uma “invertida”, tal como a mulher que ousa ser escritora, desafiando a sua natureza.

A leitura deste escrito evoca numerosas outras teses, observações e opiniões misóginas e anti-feministas que Pessoa, sob capa heteronímica ou não, deixou esparsas nos manuscritos impublicados da arca. Sublinhe-se que, tal como o acima citado, esses escritos — parte dos quais se mantém inédita — são na sua maioria datáveis da primeira metade da década de 1910, outros do período da Grande Guerra. Esta circunstância parece circunscrever claramente uma fase, até hoje não assinalada em nenhum estudo, talvez por

² *Idem.*

desatenção ao tema da misoginia de Pessoa. Acresce a dificuldade de datação de muitos originais bem como o estado de relativa confusão cronológica em que o espólio do escritor se encontra.

As referidas posições do jovem adulto Pessoa levariam hoje certamente a rotular o seu autor de supremacista ou “chauvinista” masculino, mas já no seu tempo, se acaso tivessem sido publicadas, não teriam deixado de escandalizar, pois divergiam manifestamente, sobretudo na sinceridade ou brutalidade, das formas usuais de expressão da mentalidade misógina ou “patriarcal”. O facto de nos escritos da fase de plena maturidade de Pessoa (coincidindo *grosso modo* com o período do pós-guerra) esta faceta do seu pensamento se ter desvanecido e quase eclipsado, pode ser indicativo de uma mudança de atitude em relação tanto às mulheres como à “questão feminina”. A breve paixão do escritor em 1920, aos 32 anos, por Ofelia Queiroz, única relação amorosa que lhe é conhecida, é certamente um marco significativo nesse processo, mas o desaparecimento da temática feminina nos seus textos de carácter ensaístico das décadas de 20 e 30 não permite avaliar com total segurança a amplitude da mudança operada no seu pensamento. A obra poética e em prosa dessas décadas revela, em todo o caso, algumas constantes subtis na abordagem do tema feminino e do tema do amor, como alguns autores já assinalaram, mas é um assunto que se afasta do âmbito deste trabalho.

O culto de Pessoa parece ter erigido em tabu essa faceta quiçá incómoda do escritor, ao ponto de se hesitar trazer à luz certos textos, de os atribuir, pelo tom “provocador”, a Álvaro de Campos ou de os rotular indulgentemente de “conversas de homens” sobre

mulheres³. Na verdade, as opiniões e teses anti-femininas do jovem adulto Fernando Pessoa são reveladoras de uma faceta da sua personalidade e do seu ideário que permaneceu basicamente oculta do público, ou deliberadamente ou por impossibilidade de as dar à estampa. Na obra publicada em vida, com efeito, não há rasto de idênticas tiradas misóginas ou teses supremacistas — ainda que se tenha relacionado Álvaro de Campos e as suas odes futuristas de 1914-1915 com um pendor misógino da estética do modernismo europeu (particularmente visível em Marinetti), pela alegada imagética de agressividade e domínio masculino, pela “erotização” da máquina e pelo “apagamento” da mulher⁴. A faceta misógina e supremacista de Pessoa, que ficou “oculta” nos escritos deixados impublicados, não pode, porém, ser considerada mera curiosidade biográfica, pelo que revela da sua psicologia e do seu pensamento. O tema oferece a oportunidade de se abordar o caso da misoginia de Pessoa no contexto português e europeu dos começos do século XX, inclusive na sua relação com ideologias políticas, correntes estéticas e o *modernismo* em geral.

³ Teresa Rita Lopes reuniu alguns inéditos de Pessoa sobre as mulheres, entre os quais um fragmento em inglês que lhe pareceu “atribuível a Álvaro de Campos”, embora não se conheçam textos em inglês deste heterónimo, bem como uma versão truncada de “Porque é que as mulheres se detestam tanto umas às outras?”, agrupados numa secção que a organizadora intitulou “Conversas de homens sobre sexo e mulheres”, em Pessoa por Conhecer (Lisboa: Estampa, 1990), t. II, pp. 473-481.

⁴ Vd. Kathryn Bishop-Sánchez, “Kissing All Whores: Displaced Women and the Poetics of Modernity in Álvaro de Campos”, em Anna Klobucka, Mark Sabine (eds.), *Embodying Pessoa: Coporeality, Gender, Sexuality* (Toronto: University of Toronto Press, 2007), pp. 201-223.

Não anima este trabalho, escusado seria talvez declará-lo, qualquer intenção de deslustrar a imagem de Fernando Pessoa ou de menoscabar a sua obra e o seu pensamento. O justo reconhecimento do maior escritor português do século XX não pode transformar-se numa veneração apaixonada que passe deliberadamente em silêncio determinadas facetas do homem, do artista e do pensador que Pessoa conjuntamente foi. Através do seu caso, é também uma época, uma mentalidade, um ambiente intelectual, cultural e político que se pode conhecer e compreender melhor.

2.

A misoginia e o anti-feminismo de Pessoa são considerados neste trabalho como partes integrantes da formação do seu ideário político e filosófico. Pessoa foi, além de poeta e prosador, um pensador da sociedade e da política com a mesma singularidade e independência que o caracterizaram na literatura. As opiniões que Pessoa manteve, entre 1910 e os anos da Grande Guerra, sobre as mulheres e sobre o feminismo, que adiante se exemplificarão com numerosas citações, ajustam-se bem ao pensamento conservador, elitista e anti-humanitarista que ganhou crescente expressão nos seus escritos impublicados do mesmo período, em particular na sua vertente anti-socialista e anti-anarquista. A causa da emancipação da mulher confundia-se então, para Pessoa, com a causa do republicanismo a que chamava *radical* (a que ele opunha o seu republicanismo *conservador*) e, sobretudo, com a causa da emancipação dos trabalhadores (socialismo e anarquismo), ou seja, todos os quadran-

tes políticos que nos anos da República Velha se tornaram para ele detestáveis e alvo das mais contundentes críticas.

O associativismo feminista tinha surgido em Portugal pouco antes, nos anos finais da Monarquia (a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas foi fundada em 1908) e tomou alento com a proclamação da República. Em Novembro de 1910, o governo provisório saído da revolução de 5 de Outubro legalizou o divórcio e, em Dezembro, aprovou a nova legislação de família. Em 1911 seria criada a Associação de Propaganda Feminista, em 1912, a União das Mulheres Socialistas e, em 1914, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Num país em que o analfabetismo feminino rondava os 82%, uma pequena elite de mulheres escritoras, médicas, professoras e educadoras (“duas dúzias de mulheres conscientes”, segundo uma autora coeva⁵), assumira a liderança do combate pelo “melhoramento civil, económico e moral da mulher em particular e da humanidade em geral” (programa do CNMP)⁶. Diga-se que a República frustrou esse feminismo predominantemente republicano ao não conceder na lei o direito de voto às mulheres chefes de família, depois de a médica feminista Beatriz Ângelo individualmente o ter obtido em tribunal em 1911 e se ter tornado na primeira mulher a votar em Portugal. Após o 5 de Outubro, alguns políticos republicanos, liderados por Afonso Costa, recebiam a influência da Igreja

⁵ *Emília de Sousa Costa, Ideias Antigas de Mulher Moderna (Braga: Livraria Cruz, 1923), p. 122.*

⁶ *Sobre o feminismo na República, ver João Esteves, Mulheres e Republicanismo (1908-1928) (Lisboa: CCIG, 2008).*

sobre o eleitorado feminino, enquanto outros, como Teófilo Braga, António José de Almeida e Bernardino Machado, estariam dispostos a ceder à reivindicação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas de se dar o voto às mulheres economicamente independentes, o que teria feito de Portugal um dos primeiros países europeus a instituir o sufrágio feminino⁷. Após o episódio de Beatriz Ângelo, porém, a lei restringiu expressamente o direito de voto aos homens, deixando assim para a Ditadura Militar, em 1931, a outorga desse direito a uma pequena parte da população feminina. Refira-se que, em Outubro de 1931, as Cortes Constituintes da Segunda República espanhola concederiam o direito de voto às mulheres maiores de 23 anos, com o apoio das forças políticas de direita e a oposição de parte da esquerda, incluindo o voto *contra* de duas (das três únicas) deputadas constituintes, uma radical e outra socialista. O dirigente socialista Indalecio Prieto, receoso da influência da Igreja sobre as mulheres, combateu o sufrágio feminino e apodou a sua aprovação de “punhalada” na República. Intelectuais como Ortega y Gasset, Gregorio Marañón e Miguel de Unamuno manifestaram então posição favorável ao sufrágio feminino, rebatendo o argumento de que a mulher espanhola fosse manipulável pelo “confessionário” ou de que o voto feminino constituísse um perigo para a República⁸. As eleições legislativas de 1933 seriam realmente ganhas

⁷ *Sobre este debate, vejam-se os números do diário A Capital de 5 de Janeiro, 7, 8, 10, 22, 24, 27 de Fevereiro e 25 de Março de 1911.*

⁸ *Jacqueline Westwater, “El voto femenino en España”, Cuadernos Republicanos 49 (Abril de 2002), pp. 55-72.*

pelo partido conservador católico (a CEDA), mas em 1936 triunfaria a Frente Popular.

O anti-feminismo de Pessoa tinha, pois, uma motivação política ou ideológica, num período de ajuste contas com os seus ideais humanitários e libertários da adolescência e de reformulação radical do seu pensamento num sentido claramente conservador e anti-democrático. A essa motivação deverá acrescentar-se, além de outros factores, a sua compleição misógina, o seu medo e desprezo das mulheres, o confessado “horror às mulheres reais que têm sexo” (ver adiante) e, *simultaneamente*, a sua frustração por não poder realizar o “ideal” de ter uma “amante ou namorada”, como confessara em 1907 a uma página de diário⁹ e, mais tarde, em 1916-1917, confirmaria nos seus textos de “escrita automática”, que adiante citaremos. A obsessiva preocupação em preservar a sua liberdade individual, alimentada por um sentimento elitista e a convicção da sua missão no plano intelectual e artístico, também o repelia do convívio feminino. A cedência à relação amorosa era por ele encarada, nessa óptica, como uma traição a algo de mais nobre e mais alto. Este conflito absolutizado entre o amor e a obra aparecia já expresso num poema pessoano de 1908, “A Question”, em que a um poeta era feita a pergunta: que perda seria por ele mais sentida, a morte da mulher amada ou o desaparecimento irremediável de todos os seus versos?¹⁰

⁹ BNP/E3, 28-90 a 91. Publicado pela primeira vez por João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (Lisboa: Bertrand, 4.ª ed. 1981), pp. 106-107.

¹⁰ *Fernando Pessoa, Poemas Ingleses, t. II, ed. João Dionísio* (Lisboa: INCM, 1997), p. 73.

Perturbado, o poeta não respondera, provocando um sorriso do seu interlocutor, a sugerir que a resposta era inconfessável.

O supremacismo masculino e o anti-feminismo de Pessoa adquiriram, por efeito das suas abundantes leituras e reflexões, alguma consistência teórica, tornando-se assim, sem paradoxo, mais *esclarecidos*. Vários dos escritores e pensadores que o jovem Pessoa mais prezava influíram visivelmente na sua depreciação do género feminino. Em particular, terá tido esse efeito a leitura de obras de biologia, psicologia e sociologia que, nas décadas da viragem do século, veiculavam concepções pretensamente científicas de supremacia masculina, sustentando a inferioridade mental da mulher e a sua vocação biologicamente determinada de esposa e mãe, ao mesmo tempo que defendiam o carácter patológico do feminismo, representado como uma manifestação de degenerescência da feminilidade, da sociedade e da raça. Mesmo nesse meio científico hostil à igualdade da mulher, o panorama das ideias era diversificado. Alguns dos cientistas cuja obra Pessoa conheceu, como Lombroso (que postulava que a inteligência estava na razão inversa da função de procriação), eram sensíveis ao papel da educação e de uma maior participação da mulher na vida social, admitindo que ela pudesse gradualmente elevar-se a um nível de cultura e inteligência superiores. Outros, como Nordau e, sobretudo, o psiquiatra e neurologista Moebius, cujas teses misóginas e supremacistas Pessoa perfilhou, excluía totalmente essa possibilidade, sustentando, com argumentos sobre a diferente configuração do cérebro dos dois sexos, que o aumento da actividade mental feminina produziria mulheres doentes e degeneradas, pelo que era importante para a raça europeia

manter a mulher “sã e tonta” — um paradoxo que, segundo Moebius, “embora grosseiro, encerra verdade”. No entanto, como se tentará mostrar, Pessoa, leitor crítico, dispôs de perspectivas diversificadas sobre os temas da questão feminina, pelo que seria simplista presumir uma atitude passivamente permeável a tais leituras. Pessoa leu obras de pensadores liberais receptivos ao feminismo, como John M. Robertson, romances de George Gissing e H. G. Wells cujas heroínas eram *new women* em transes de emancipação e, pelo menos, um clássico da literatura feminista do seu tempo, da autoria de Sarah Grand.

Opinou-se já que, em relação às mulheres, Pessoa não era “mais esclarecido do que outros da sua geração”¹¹, diluindo-se assim o significado da misoginia do escritor no oceano da mentalidade masculina dominante, desfavorável às mulheres ou à sua emancipação. Outro passo, o autor desta opinião concede já que Pessoa era “elitista, classista, muito *politically incorrect*, mesmo segundo os padrões da época”¹². Se esta última observação parece uma descrição particularmente adequada das opiniões misóginas ou supremacistas de Pessoa, é discutível que a qualificação de menos “esclarecido” se possa aplicar, na tentativa de explicar essas suas opiniões, a um intelectual de vasta cultura cosmopolita cujo pensamento se caracterizava por um claro anti-convencionalismo. Analogamente, não faria muito sentido dizer, por exemplo, que Nietzsche ou Freud foram pouco esclarecidos em relação às mulheres, embora ambos tenham formulado ideias e

¹¹ Richard Zenith, “Post-mortem”, em *Fernando Pessoa, A Educação do Estóico*, ed. Richard Zenith (Lisboa: Assírio & Alvim, 1999), p. 99.

¹² *Idem*, p. 103.

teses frequentemente apontadas como misóginas. Duvidosa parece também a sugestão implícita da permeabilidade de Pessoa à mentalidade masculina dominante da sua geração: as manifestações de machismo, por exemplo, eram-lhe repulsivas. Pessoa foi ao mesmo tempo um misógino e um cavalheiro respeitador da mulher, o que o coloca, até certo ponto, ao abrigo de comparações com a mentalidade masculina imperante. Aos vinte e poucos anos de idade, Pessoa era um supremacista masculino *esclarecido*, à semelhança de outros artistas e intelectuais nada convencionais, como os ultra-misóginos Strindberg e Otto Weininger (autor em 1903, ano em que se suicidou, do controverso livro *Sexo e Carácter*), por mais infames que as suas posições sobre a mulher possam hoje ser julgadas. Apesar do escândalo que causou junto do público, a obra de Weininger — que não há indício que Pessoa tenha conhecido — foi saudada na época por espíritos ilustres como Karl Kraus e Wittgenstein. A misoginia de Pessoa, ainda que de características bem específicas, porque radicada numa vivência de isolamento do convívio feminino, não destoava essencialmente da atitude em relação à mulher de grandes escritores e poetas modernistas seus contemporâneos, como, cada um no seu género, T. S. Eliot, Ezra Pound, James Joyce, Franz Kafka, Hugo von Hofmannstahl, D. H. Lawrence e Ernest Hemingway¹³. Por seu turno,

¹³ *Sobre a história da misoginia na literatura em geral*, ver: Katherine M. Rogers, *The Troublesome Helpmate: A History of Misogyny in Literature* (Washington: University of Washington Press, 1966). *Sobre a misoginia dos escritores modernistas ingleses e norte-americanos*, ver: Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, *No Man's Land. The Place of the Woman Writer in the Twentieth Century, vol. 1: The War of the Words* (New Haven: Yale UP, 1988).